

**O REAL E O IMAGINÁRIO NA REORGANIZAÇÃO, REESTRUTURAÇÃO E  
RENOVAÇÃO DO SER: UMA LEITURA DE *CORDA BAMBA* (1979)  
DE LYGIA BOJUNGA**

**CARNEIRO**, Raphael Marco Oliveira<sup>1</sup>

**SOUSA**, Débora Machado de<sup>2</sup>

**MAIA**, Tereza Cristina Gomes<sup>3</sup>

**BRAIDO**, Maria Laura Gomes Forlin<sup>4</sup>

**Recebido em:** 2015.05.12

**Aprovado em:** 2016.04.11

**ISSUE DOI:** 10.3738/1982.2278.1479

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo discutir e analisar de que forma o real e o imaginário se entrelaçam na obra *Corda Bamba* (1979), tendo em vista as implicações psicológicas de que a personagem principal é vítima. A partir das concepções de literatura de Coelho (2000), Achebe (1996), da concepção de criança de Hunt (2010), e das concepções de real e imaginário de Santos (2006), concluímos que em *Corda Bamba*, Bojunga se utiliza da mistura entre o real e o imaginário, a fim de representar como uma criança lida com eventos traumáticos. Assim, a fantasia se revela como um caminho para o amadurecimento. A obra *Corda Bamba* desconstrói a ideia de uma infância idealizada e perfeita. A narrativa mostra que a criança tem um espaço na sociedade e que ela também é influenciada pelas transformações sociais e culturais.

**Palavras-chave:** Imaginário. Literatura infantojuvenil. Lygia Bojunga. Real.

**REALITY AND IMAGINATION IN THE REORGANIZATION, RESTRUCTURING  
AND RENOVATION OF THE SELF: A READING OF LYGIA BOJUNGA'S  
*CORDA BAMBA* (1979)**

**SUMMARY:** This paper aims to discuss and analyse the way reality and imagination are intertwined in the book *Corda Bamba* (1979), taking into account the psychological implications suffered by the leading character. Drawing on Coelho's (2000) and Achebe's (1996) concept of literature, Hunt's (2010) concept of childhood as well as Santos' (2006) concepts of reality and imagination, we have come to the conclusion that in *Corda Bamba*, Bojunga blends reality and imagination in order to represent the way a child deals with traumatic events. Thus, fantasy presents itself as a path to growing up. *Corda Bamba* undermines the notion that childhood is perfect. It demonstrates that children have their own share in society and that they are also influenced by social and cultural changes.

**Keywords:** Children's Literature. Imagination. Lygia Bojunga. Reality.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo discutir o papel da imaginação em contraponto ao real na obra *Corda Bamba* (1979) de Lygia Bojunga. Para isso, antes de nos atentarmos à obra supracitada, faremos algumas considerações em relação à Literatura Infantojuvenil.

Compartilhamos da concepção de Coelho (2000, p.27) de que:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>2</sup> Mestranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>3</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>4</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia.

Também entendemos que:

A literatura, seja ela oral ou impressa, nos possibilita outra forma de viver a realidade, encontrando nas dimensões seguras e gerenciáveis do faz de conta as mesmas ameaças à integridade que podem assolar a psique humana na vida real; e ao mesmo tempo, fornecendo por meio da autodescoberta, uma arma para lidar com essas ameaças, sejam elas encontradas dentro de sujeitos problemáticos e incoerentes ou no mundo ao nosso redor<sup>5</sup>(ACHEBE, 1996, p. 26, tradução nossa).

Nesse sentido, Achebe (1996) enfatiza o potencial da literatura de renovar o ser de maneira análoga ao processo da psicanálise, isto é, ao fomentar uma reflexão consciente a partir de acontecimentos ou experiências traumáticas, o paciente conta a sua história de forma que ao ser revivida por meio da palavra ela possa ser reinterpretada, a fim de que isso gere uma reorganização ou reestruturação interna do ser.

Em resumo, ambas as concepções apontam para a literatura como uma forma de representação da vida humana em toda a sua complexidade e diversidade. Essa representação se dá por meio da palavra, matéria-prima do fazer literário. Assim, a literatura se apresenta como uma possibilidade de transformação do ser por meio da vivência de suas experiências narradas.

Falar de literatura infantil também envolve pensar em uma concepção de criança. Segundo Hunt (2010, p. 91-92), o conceito de criança está ligado à cultura e à história. A infância pode ser caracterizada pela brincadeira espontânea, pela receptividade à cultura vigente, pelos constrangimentos fisiológicos (elas são menores e mais fracas que os adultos), e a imaturidade sexual. As crianças tendem a formar laços emocionais com figuras maduras, a ter dificuldades de lidar com o abstrato, a ter menor grau de concentração que os adultos e a estarem mais suscetíveis às percepções imediatas. Ainda segundo o autor, na maioria das vezes, pode-se dizer que crianças em estágios diferentes terão atitudes variadas em relação à morte, ao medo, ao sexo, ao egocentrismo, à causalidade. Também é importante destacar que, as crianças “são menos limitadas por esquemas fixos e, nesse sentido, têm uma visão mais abrangente” (HUNT, 2010, p. 92).

Essas concepções são fundamentais para pensarmos os acontecimentos do livro *Corda Bamba*. Longe da noção de que livros para crianças devem tratar de temas simples e fáceis, a obra de Lygia trata de temas complexos sem deixar a fantasia de lado. Conforme Sandroni:

Longe das fadas mas com muita fantasia, a obra de Lygia Bojunga Nunes situa-se [no] grupo de escritores que tematizam os problemas da sociedade contemporânea, seja no aspecto das relações humanas, seja nas implicações psicológicas de que a criança é vítima. Com altíssimo nível de criação e grande originalidade de linguagem, a autora se coloca entre os grandes autores brasileiros contemporâneos e mesmo internacionais, como o comprova o prêmio internacional Hans Christian Andersen que recebeu em 1982 pelo conjunto de sua obra [...] (SANDRONI, 1987, p.63).

Tendo essas considerações em mente, propomos discutir e analisar de que forma o real e o imaginário se entrelaçam na obra *Corda Bamba*, tendo em vista as implicações psicológicas de que a personagem principal é vítima. A seguir, faremos uma breve contextualização sobre a publicação e o enredo da obra.

---

<sup>5</sup> Texto original: “Literature, whether handed down by word of mouth or in print, gives us a second handle on reality; enabling us to encounter in the safe, manageable dimensions of make-believe the very same threats to integrity that may assail the psych in real life; and at the same time providing through the self-discovery which it imparts a veritable weapon for coping with these threats whether they are found within problematic and incoherent selves or in the world around us” (p. 26).

## 1 *CORDA BAMBA*: CONTEXTO DE PUBLICAÇÃO

O livro *Corda Bamba*, escrito pela gaúcha Lygia Bojunga (1932 - ), foi publicado em 1979. É interessante notar que no mesmo ano de publicação dessa obra, a Organização das Nações Unidas declarou esse ano como o Ano Internacional da Criança, cujo principal objetivo era o de chamar a atenção para as necessidades das crianças, principalmente em relação à alimentação e à educação. Ambas as temáticas estão presentes na obra de Lygia.

Sua obra, de um modo geral, leva em conta os ideais e a valorização da infância ressurgidos na década de 1970 no Brasil (SANTOS, 2006). Seus livros valorizam a proposta daquele momento literário que compreendia “uma prosa aderente a todos os níveis de realidade, graças ao fluxo do monólogo, da gíria, da abolição das diferenças entre falado e escrito (...) que acerta o passo com o pensamento” (CANDIDO, 1989, p. 21 apud SANTOS, 2006, s/p).

Santos (2006) destaca que nesse período, Bojunga promoveu o que Lobato, já na década de 40, chamou “libertação do imaginário”.

Para isso, trabalhou em seus livros a criatividade, a importância das inter-relações, da cultura brasileira e as discussões sociais da época, uma vez que suas histórias mágicas tomavam-se de ares subversivos numa realidade política e educacional cercada pelo regime da ditadura. A autora alimentava-as com a crítica social voltada ao descaso atribuído às experiências individuais, aos desejos reprimidos, principalmente das crianças (SANTOS, 2006, s/p).

Assim, a obra de Lygia apresenta críticas à sociedade e ao sistema educacional brasileiro, criando um contraponto com a liberdade imaginativa vivida pela criança que busca pelo seu espaço nessa realidade indiferente e opressiva.

A narrativa de *Corda Bamba*, em 3ª pessoa, conta a história de Maria, uma menina de dez anos, que perdeu os pais, ambos equilibristas, em um acidente de trabalho no circo. Ela assistiu a morte dos pais e, desde então ficou sob a proteção de amigos que trabalhavam no circo, entre eles a Mulher Barbuda e o Foguinho. Ao ser levada à casa da avó, Dona Maria Cecília Mendonça de Melo, uma mulher rica e dominadora, Maria se vê numa situação constrangedora, pois ela e sua avó têm personalidades muito distintas e esse reencontro não traz sentimentos bons, como amor e compreensão. Ao sentir-se presa e reprimida, Maria começa a transitar entre o real e o imaginário, em busca de respostas para suas questões pessoais.

No início da narrativa, Maria recebe de presente uma corda de náilon, e demonstra sua habilidade andando na corda bamba durante o aniversário de Quico. Em seus sonhos, Maria usa essa corda para atravessar de sua janela para o prédio vizinho e explorar as janelas e portas do edifício que ainda estava inacabado. O narrador, a partir daí, vai levando o leitor a acompanhar a recomposição da infância de Maria, saindo do plano do real e entrando no imaginário. O edifício, o andaime, as janelas, o corredor e as portas coloridas são elementos utilizados na narrativa para explorar o estado difuso da consciência de Maria - os obstáculos e os progressos de suas buscas e descobertas dos fatos de sua vida. Entre sua vida na casa da avó e suas explorações, são encaixadas outras narrativas cujos personagens, de alguma forma, acrescentam informações na recuperação da memória de Maria, enriquecendo e permitindo assim um avanço em sua busca por respostas.

Tendo feito essa breve contextualização da obra, em seguida traçaremos algumas reflexões em torno da relação entre o real e o imaginário e a forma como essas instâncias atuam na elaboração psicológica de Maria.

## 2 O REAL E O IMAGINÁRIO NA REORGANIZAÇÃO, REESTRUTURAÇÃO E RENOVAÇÃO DO SER

Para compreender o conflito que se estabelece na narrativa de *Corda Bamba* é preciso que levemos em consideração o espaço em que a narrativa se desenvolve. Segundo Santos (2006, s/p):

O espaço que rodeia os personagens é que lhes confere significação e existência dentro da narrativa. Esse ambiente provoca o conflito e o descompasso temporal, a ordem dos eventos é quebrada pela introdução do tempo psicológico e, após uma jornada que pode acontecer tanto na esfera física quanto na simbólica, surge a coragem (ou a necessidade) de desvincularem-se desse ambiente real e de qualquer outro para apropriarem-se dele e não o contrário.

Ou seja, é por meio do imaginário que Maria se apropria do real, a fim de que possa lidar com ele. Nesse sentido, o espaço imaginário se configura como “um encontro de percursos, caminhos formados por meio da experiência cotidiana e dos jogos simbólicos, que se configuram como rituais de passagem da infância para outras etapas das exigências sociais” (SANTOS, 2006, s/p). Assim, por meio da imaginação, Maria recria a sua realidade, tornando-a mais gerenciável.

Ainda sobre o imaginário, Santos (2006) afirma que:

O imaginário no qual nos aventuramos é um elemento capaz de desanuviar as circunstâncias imediatas do real, fornecendo à criança recursos à formação de sua subjetividade por meio da capacidade criativa de “experimentar”, reinventar um espaço ou a si mesma, bem como grande parte das representações cotidianas nas quais está inserida. Experimentar um novo espaço é como espiar um caleidoscópio. Ao girá-lo, as imagens imediatas se fundem, recriam-se, desviam-se de sua estrutura original. Nesse espaço renovado o mundo dos sentidos ganha um novo matiz, impera a vontade da criança, pois ela comanda, decide e “experimenta” o poder de suas próprias escolhas. (s/p)

É nesse entre-lugar, no qual coexistem elementos do real e do cotidiano, bem como elementos do sonho, que Maria se aventura em uma série de deslocamentos subjetivos de caráter fundamental para o seu amadurecimento.

A passagem do plano da realidade para o imaginário não é bem definida, de forma que, a princípio não percebemos que essa passagem se deu na narrativa. Esse parece ser um recurso próximo ao universo da criança, possibilitando que ela, como leitora, sinta, compreenda e/ou se identifique tanto com os momentos de ação quanto com os momentos de introspecção de Maria.

No capítulo “A chegada”, Maria é levada pelos amigos Barbuda e Foguinho à casa de sua avó, Dona Maria Cecília Mendonça de Melo. Maria morava e trabalhava num circo, como equilibrista, e sua chegada durante o aniversário de Quico desperta a atenção de todos. Maria está passando por um momento delicado e se mantém um tanto introspectiva. Quando Quico pede para a Maria “equilibrar pra gente ver”, e todo mundo começa a pedir junto, Pedro, avô de Quico intervém, e dá uma corda fina, de náilon, a Maria que a usa para mostrar sua habilidade como equilibrista. O trecho a seguir, marca o início da importância dessa corda para Maria:

Maria subiu numa cadeira e pulou pra cima da corda. Um pulo tão rápido, que todo mundo fez humm! Achando que ela ia cair. Que cair que nada! Levantou o arco, num instantinho endireitou o corpo, andou até a varanda, voltou ligeiro até a porta, se virou num pulo que fez o pessoal engolir de novo um grito. Mas quando ia passando outra vez em cima da mesa, parou. De repente. O corpo entortou pra um lado; pra outro; [...] Quis

dar uma passo; não deu. Quando viu todo mundo com cara de susto, riu com o olho, endireitou o corpo e saiu se equilibrando mais difícil ainda: andando de marcha ré. [...] era a primeira vez, naquele mês, que Maria fazia uma brincadeira, sempre tão séria, pensando tanto. Mas era também a primeira vez, naquele mês, que Maria andava na corda (BOJUNGA, 2009, p. 18).

A corda é o símbolo inicial que conduz Maria a “desvendar” os mistérios que ela procura entender. No trecho destacado, essa corda está no plano da realidade, mas a descrição já anuncia o aspecto fantástico da corda e da relação de Maria com a corda. Nos capítulos “Quico Sonhava Muito” e “O Passeio” em diante, essa corda serve de passagem do plano da realidade para o plano fantástico. Maria, através dos sonhos, utiliza a corda, um elemento circense que lhe é próximo, e, sempre se equilibrando e enfrentando os riscos, inicia uma viagem para dentro de si mesma, na construção de sua identidade.

No capítulo “Janelas”, Maria passa um bom tempo olhando pela janela do apartamento de sua avó, observando outras janelas, e dentre todas as janelas quadradas, Maria vê uma única janela arredondada como mostra o seguinte trecho:

Maria ficava olhando, examinando, olhando. Viu que o edifício bem em frente tinha só oito andares; viu que em cima do edifício tinha um terraço com antena de televisão. Viu que perto do apartamento de Dona Maria Cecília – na mesma altura, mas do outro lado da área – tinha uma janela diferente das outras janelas todas; uma janela que ficava dia e noite aberta; uma janela arredondada em cima, que nem um arco. (BOJUNGA, 2009, p. 29-30).

[...] Mas o que tinha mesmo pra olhar era janela, janela e janela. E Maria olhava. O quarto de Maria ficava num canto daquele quadradão de janelas. Tantas! Mas só uma arredondada em cima que nem um arco, e sempre vazia. Maria ficava olhando, olhando um tempão (BOJUNGA, 2009, p. 30).

A janela simboliza a receptividade e a abertura para as influências vindas de fora, podendo ser considerada como símbolo da consciência<sup>6</sup> de Maria. Desse modo, ela permanece muito tempo olhando pela janela, não por causa da vista que é possível ver através dela, mas sim pelos pensamentos que vem a tona em sua mente. Desse modo, é no silêncio que Maria encontra ao observar pela janela, que a personagem passa a lidar com as suas dores.

No capítulo “Márcia e Marcelo”, depois de presenciar a cena de como seus pais se conheceram, Maria entra no prédio pela janela e é levada a um corredor com seis portas coloridas. A visão do corredor, apesar de deixar Maria receosa, dá a ela a possibilidade de escolha. Após passar pela porta vermelha e não conseguir abri-la, ela se dirige à porta branca e encontra o que parece ser a casa da avó. Levando em consideração o fato de que além de Márcia, sua mãe, estar presente, a situação acontece antes mesmo de Maria nascer, e é possível dizer que mais uma vez Maria cruza a fronteira entre real e imaginário, fantasiando algo que possivelmente aconteceu anos antes de seu nascimento.

Nos trechos seguintes do livro, Maria entra em várias outras portas e presenciar desde cenas que aconteceram antes de seu nascimento até a morte dos pais. O corredor e as portas são a exteriorização de sua mente; é através das portas que ela consegue organizar suas lembranças de uma forma menos dolorosa, conseguindo lembrar-se de tudo aquilo que foi bloqueado devido ao trauma de presenciar a morte dos pais. Como pode ser visto no seguinte trecho, a porta vermelha, que guardava o acidente dos pais, só é aberta depois de Maria passar por um processo que a prepara para lidar com isso.

<sup>6</sup> Janela. In: Dicionário de Símbolos. Disponível em: <<http://www.dicionariodesimbolos.com.br/janela/>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

De repente, Maria começou a lembrar do resto todo. Correu pro corredor, jurava! Era capaz de jurar que a porta vermelha não estava mais trancada. A afobação foi tão grande, que foi até maior que o medo, e Maria nem parou pra escutar: meteu a mão na maçaneta: dito e feito, a porta vermelha abriu e Maria deu de cara com Márcia, Marcelo, Barbuda e Foguinho (BOJUNGA, 2009, p. 128).

Tudo que Maria encontra nas outras portas serve para prepará-la para lembrar da morte dos pais, fazendo assim com que o final do livro seja cheio de esperança de que ela não apenas conseguiu superar o passado, mas que amadureceu sua maneira de ver o futuro.

Um dia, quando Maria foi andar na corda bamba, ela fez o caminho que sempre fazia, da janela até o andaime e do andaime para o corredor cheio de portas. Eis que nesse dia ela encontra uma porta nova. “Era uma porta diferente de tamanho e de feitio, diferente de pintura também: parecia que estavam experimentando cor: tinha uma porção de pinceladas, cada uma de uma tinta” (BOJUNGA, 2009, p. 140). A variedade de tintas que Maria encontra nessa nova porta sugere uma paleta de possibilidades para que ela siga adiante. Ao entrar no quarto vazio “no meio de coisa nenhuma”, Maria começa a reorganizar o seu interior.

Vale notar que ela começa colocando no lugar conversas e viagens, que logo em seguida ganham objetos representativos dessas conversas e viagens. Para a conversa que terá com Pedro, seu avô, Maria arruma o sofá, para a viagem à Bahia, ela arrumou o avião por dentro e a vista que teria da janela. Em outras palavras, o espaço exterior é configurado de acordo com o desejo e as escolhas de Maria. Nesse espaço não há a voz autoritária da professora, ou de nenhum outro adulto. É um espaço para que ela, Maria, construa os seus próprios significados.

O tempo vai passando, mais portas vão aparecendo, e Maria vai abrindo elas todas, e vai arrumando cada quarto, e cada dia arruma melhor, não deixa nenhum cantinho pra lá. Num quarto ela bota o circo onde ela vai trabalhar; no outro ela bota o homem que ela vai ter. Arruma, prepara, prepara: ela sabe que vai chegar o dia de poder escolher (BOJUNGA, 2009, p. 143).

O trecho acima se refere ao último parágrafo do livro. A organização espacial do quarto que antes estava vazio se coloca como uma representação da reorganização que Maria realiza em seu próprio interior. Assim, Maria vai conquistando o seu espaço em contraponto à realidade que não dá brechas para o espaço infantil, cuja maior representação está na aula particular. Esse episódio revela o autoritarismo e o pouco espaço que é dado à criança para que ela traga as suas próprias questões para discussão. Conteúdos, como matemática, são vistos como mais importantes.

Assim, a narrativa é concluída com um tom otimista e cheio de esperança, uma vez que quando Maria passa a lidar melhor com a morte dos pais, ela está mais preparada para as novas experiências de sua vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo analisar a relação entre o real e o imaginário no livro *Corda Bamba* de Lygia Bojunga, bem como as implicações psicológicas das quais a personagem principal é vítima.

Considerando a análise realizada nesse estudo, conclui-se que em *Corda Bamba*, Bojunga se utiliza da mistura entre o real e o imaginário a fim de representar como uma criança lida com eventos traumáticos. A fantasia permite que Maria olhe para o evento traumático que presenciou, ou seja, a morte

dos pais, de um modo indireto. A história de Maria sugere que a imaginação é um recurso utilizado pela criança, seja consciente ou não, para lidar com suas questões pessoais. Assim, a fantasia se revela como um caminho para o amadurecimento.

Percebe-se também a importância da configuração espacial da narrativa. Elementos do espaço concreto, como a corda, o andaime, o corredor, as portas e as cores das portas, sugerem uma exteriorização do espaço interior de Maria. Tal espaço é reorganizado e reestruturado por Maria ao longo da narrativa, de forma que ela passa a abrir portas antes trancadas, a preencher um quarto antes vazio, e a arrumar continuamente os novos quartos que vão surgindo. Além disso, “em seus deslocamentos, [Maria] percebe, consciente ou inconscientemente, que o crescimento significa a perda de um determinado espaço, a adaptação e a conquista de outros para a escolha de novos papéis sociais” (SANTOS, 2006, s/p). Dessa forma, aos poucos Maria vai experimentando o seu poder de escolha, que se torna tão importante na vida adulta.

Tendo tudo isso em vista, a obra *Corda Bamba* desconstrói a ideia de uma infância idealizada e perfeita. A narrativa mostra que a criança tem um espaço na sociedade e que ela também é influenciada pelas transformações sociais, culturais e pessoais. Portanto, a obra demonstra maior preocupação com os conflitos subjetivos pelos quais qualquer criança está sujeita, e que certamente são enfrentados ao atravessarem “a corda bamba” do amadurecimento.

## REFERÊNCIAS

ACHEBE, C. From What has Literature got to do with it? In: THIEME, J. **The Arnold Anthology of Post-Colonial Literatures in English**. London: Arnold, 1996.

BOJUNGA, L. **Corda Bamba**. 23. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2009.

COELHO, N. N. A literatura infantil e seus caminhos. In: \_\_\_\_\_. **Literatura infantil: teoria – análise – didática**. São Paulo: Moderna, p. 13-61, 2000.

HUNT, P. Definição de literatura infantil. In: \_\_\_\_\_. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, p. 73-101, 2010.

SANDRONI, L. Monteiro Lobato, o inovador. In: \_\_\_\_\_. **De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas**. Rio de Janeiro: Agir, p. 47-72, 1987.

SANTOS, L. O. **Na Corda Bamba: o espaço da criança na obra de Lygia Bojunga**. 108f. Dissertação (Teoria Literária), Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, 2006.

